

Entre a erosão do cuidado e a do arquivo: uma inspiração foucaultiana para práticas artísticas em contexto de colapso ambiental / *Between the erosion of care and that of the archive: a Foucauldian inspiration for artistic practices in the context of environmental collapse*

*Julia Naidin**

RESUMO

O presente artigo visa apresentar articulações entre práticas de cuidado estudadas por Foucault e práticas de arquivo que funcionam como instrumento na arte contemporânea e na educação ambiental. A apresentação se dará por meio da exemplificação de um projeto de pesquisa sobre implementação de uma residência artística em um território que convive com um colapso ambiental. A praia de Atafona é o território a partir do qual apresentamos o desenvolvimento de metodologias de pesquisa-ação inovadoras pelo cruzamento das ideias de arte contextual e de filosofia prática.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado de si; Arquivo; Arte contextual; Filosofia prática; Atafona;

ABSTRACT

This article aims to present articulations between care practices studied by Foucault and archival practices that function as instruments in contemporary art and environmental education. The presentation will take place through the exemplification of a research project on the implementation of an artistic residency in a territory that is experiencing environmental collapse. Atafona beach is the territory from which the development of innovative action research methodologies is presented through crossing ideas from contextual art and practical philosophy.

KEYWORDS: *Care of yourself; Archive; Contextual art; Practical philosophy; Atafona;*

* Doutora em Filosofia - UFRJ, Pós-doutoranda em Políticas Sociais – UENF. Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista PDJ, FAPERJ/CNPQ; jnaidin@gmail.com.

Introdução

Apresentamos uma pesquisa de campo a partir de reflexões que articulam a ampliação dos campos das práticas de cuidado e da pesquisa-criação na arte contemporânea, atentos aos modos de relação que precisamos estabelecer diante da intensificação das mudanças climáticas em tempos de Antropoceno. Nossa condição de bem-viver no planeta está ameaçada por uma crescente tensão entre, por um lado, a concepção moderna da natureza que herdamos — permeando nossos pensamentos mais íntimos e fundamentais — e, por outro, as atuais condições ecológicas e perspectivas de futuro. Vivemos uma época de crise de dimensões ambientais, climáticas, econômicas, sociais, políticas e epistemológicas, que envolvem não apenas a humanidade, mas o próprio planeta Terra como um todo. Tal herança da Modernidade/Colonialidade nos insere em uma condição bifurcada da experiência no mundo (DEBAISE, 2017), na qual os conceitos que desenvolvemos, as abstrações que construímos e nossos modos de pensar se mostram insuficientes, insustentáveis e frágeis para orientar o pensamento, a experiência sensível e o campo político.

No presente contexto e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense e à *CasaDuna - Centro de Arte, Pesquisa e Memória de Atafona*, o foco da pesquisa era buscar metodologias de ação que não reproduzissem a mesma lógica de episteme e conduta. Percebemos a força da questão do cuidado, entendido como uma prática relacional, de atenção aos ritmos, intensidades e demandas dos processos - individuais, comunitários e ambientais.

Desenvolvemos um projeto piloto de pesquisa e criação/intervenção na praia de Atafona, que enfrenta há décadas um expressivo processo erosivo. Por meio de pesquisas em diferentes linguagens da arte contemporânea, implementamos uma residência artística com o intuito de investigar métodos e circulações possíveis no campo das artes, além de ampliar o debate sobre o caso local, ainda insuficientemente divulgado. Observamos que a destruição do território se apresenta também como uma metáfora viva da destruição da ideologia de um modelo civilizatório em franco declínio, ou, como preferimos denominar, em processo erosivo.

Michel Foucault nos inspira na tessitura de relações entre arte e cuidado, que se apresentam como resultado de práticas com arquivo e de questionamentos éticos e estéticos que emergem no desenvolvimento dessas práticas. Além disso, esboça-se uma metodologia para ações de pesquisa-criação interessadas em produzir intervenções

contextuais e conceituais que não reproduzam as mesmas lógicas exploratórias. A questão do arquivo, associada à destruição local decorrente da crise ambiental, adquire um significado singular e agenciam modos de relação com a perda do território, bem como com a criação e persistência do vínculo territorial, que são ao mesmo tempo emergentes e antigos. o que percebemos é que os estudos sobre a ética dos antigos, com o mote do *cuidado de si*, nos ajuda a pensar nossas práticas de arte, pesquisa e memória em contexto de erosão.

Nas breves páginas que se seguem, desejamos apresentar alguns indícios para diferentes modos de se orientar e se relacionar com o que chamamos de 'natureza'. Isso será feito exemplificando um trabalho de pesquisa em um território que enfrenta uma situação de colapso ambiental, analisando algumas ações de arte contemporânea e pedagogias contextuais desenvolvidas na região. Tal análise é realizada em articulação com algumas proposições filosóficas que questionam certos parâmetros fundamentais dos modelos de desenvolvimento vigentes. Estas partem de posições marginais no escopo canônico da filosofia ocidental, alinhando-se a uma vertente do pensamento contemporâneo que promove interseções epistêmicas além da matriz de saber eurocentrada na elaboração de nossas práticas locais.

1. Arte contextual, metodologia, filosofia prática

O projeto CasaDuna, iniciado em 2017 e em desenvolvimento até o presente momento, investiga a erosão vivida na praia de Atafona, um pequeno distrito com aproximadamente 8.000 habitantes, localizado na cidade de São João da Barra, que possui uma população de 35.000 pessoas. Situada em um dos principais deltas do estado do Rio de Janeiro, a seis horas da capital, Atafona vive uma intensa erosão costeira, que se agrava há 50 anos, com o mar avançando sobre áreas habitadas da praia. Trata-se de um local de natureza exuberante, onde o rio Paraíba do Sul – que atravessa os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro – encontra o Oceano Atlântico. Nos últimos 50 anos, o rio tem sido sistematicamente desviado, em nome do modelo desenvolvimentista, especialmente energizado na região a partir da década de 1970. Com o desvio, o rio já perdeu 70% de seu fluxo, e, sem sua força ao desembocar no mar, permite que as águas invadam as áreas ocupadas, provocando transformações ecossistêmicas e sociais, gerando um cenário de devastação e hordas de migrações climáticas.

Inúmeros imóveis têm sido sistematicamente levados pelo mar, criando uma relação particular com a memória, e uma dinâmica de perda, resiliência e adaptação ambiental. Neste território fragmentado, decidimos estabelecer uma residência de arte e pesquisa dedicada a abordar a questão ambiental por meio de práticas museológicas, artísticas e de produção de memória. Posicionamo-nos em uma zona que representa a imagem de uma borda, constituída pela tensão com o mar, que funciona como uma metáfora de um projeto civilizatório sustentado pela ruptura moderna, que separa cultura e natureza.

A erosão já destruiu mais de 15 quarteirões, incluindo casas, bares, comércios, clubes e igrejas, que foram engolidos pelo mar. Nas últimas décadas, esse fenômeno tem transformado radicalmente a paisagem, os modos de vida e as formas de produção de significado e memória de um território em contínuo e irreversível processo de desaparecimento. Em uma praia de planície, com clima agradável durante todo o ano e remanescentes de manguezais compondo a vegetação, ainda existe uma comunidade que vive principalmente da pesca artesanal. O processo de degradação, ao manter um ritmo, permite que os moradores convivam com a situação: pouco a pouco, partes das casas vão sendo destruídas, enquanto esculturas surgem nas areias com os escombros, por meio das quais a comunidade se organiza e recria usos e funções.

Movimentos políticos e de arte contemporânea, desde a década de 1990, já consolidaram a complexa e potente interseção entre arte no final do século XX, teoria cultural e o capitalismo global. Em Atafona, isso se soma a uma história emblemática de momentos cruciais na história do Brasil, refletindo-se na comunidade e na profunda mistura de resquícios indígenas, pesqueiros, colonialistas e usineiros, em meio a um intenso fenômeno de erosão costeira e exploração industrial. Neste contexto, a leitura que Foucault faz do pensamento cínico da Antiguidade Grega – a imagem de um "espelho quebrado" diante da sociedade – funciona de maneira exemplar, como um questionamento radical e prático de um determinado regime. Esse conceito filosófico se torna um eixo central na prática que realizamos.

Ao analisar a pesquisa e a metodologia aplicadas no território, entendemos que ela envolve a produção a partir da erosão, que acelera o processo de destruição. Nesse contexto, como podemos pensar de forma crítica e atual as noções de cuidado, ecologia, arte e, no vínculo com o laboratório de pesquisa ao qual participo, a de patrimônio cultural? Levando em conta essa posição paradoxal, como atuar de maneira a fortalecer a comunidade, potencializar a luta por justiça ambiental e valorizar as experiências das

comunidades tradicionais em territórios precarizados devido às intervenções do poder público nos ecossistemas locais? Evidentemente, as respostas para tais perguntas não são simples nem de fácil resolução. Pelo contrário, elas se desdobram em cadeias de problemas que vão muito além de desejos e possibilidades. O próprio modelo de desenvolvimento deve ser colocado em xeque quando decidimos pensar de maneira ampla sobre os impactos das gestões ambientais nas comunidades diretamente afetadas.

Longe de propor uma solução definitiva para as questões apresentadas, compartilhamos apontamentos de direção, um posicionamento do nosso olhar sobre elas, inspirados por propostas como as de Judith Butler, que nos diz que a responsabilidade deve concentrar-se não apenas no valor de vidas isoladas, ou na capacidade de sobrevivência de modo abstrato, mas sim na manutenção das condições sociais de vida, especialmente quando elas faltam. Tentamos ampliar a compreensão das questões ambientais locais para além da localidade, conectando-as com perspectivas globais mais amplas, ainda que partamos do local e a ele retornemos.

O termo "Antropoceno" difundiu-se no campo das Ciências Naturais a partir do ano 2000, quando foi utilizado no artigo publicado pelo químico Paul Crutzen e o limologista Eugene Stoermer. No texto, os cientistas sugerem que, desde o final do século XVIII, as escalas inimagináveis dos impactos das atividades humanas na Terra e na atmosfera inauguraram uma nova época geológica, na qual a humanidade, especialmente após o desenvolvimento tecno-industrial capitalista, adquiriu uma força tão grande que compromete a gestão ambiental global e sustentável (CRUTZEN; STOERMER, 2015). A dicotomia natureza-cultura, que orientou a fundação do mundo moderno ocidental, criando a separação entre zonas ontológicas distintas — a dos humanos e dos não-humanos — tem mostrado uma outra face. Diante das atividades humanas na Terra, originamos o "tempo das catástrofes" como resposta à bifurcação traçada entre humanos-sujeitos e natureza-objeto, e à redução da natureza à condição de matéria dominável e explorada, pano de fundo inanimado do projeto colonial e desenvolvimentista.

O conceito de Antropoceno é controverso. Ele designa a era geológica marcada pelos efeitos da ação do "homem" no planeta. No entanto, que "homem" é esse? Esse conceito considera apenas o homem branco europeu industrial, com seus níveis de consumo energético, como o modo de vida universal. Certamente, nele não se incluem outras variações do sentido de "homem", organizadas a partir de outros modos de vida. Podemos também optar pelo uso de termos como "Capitaloceno" ou "Plantationoceno" (HARAWAY, 2016), que consideramos mais apropriados, pois indicam qual modo de vida

é responsável pela destruição planetária, ao invés de uma suposta "natureza humana". Contudo, é inegável que o conceito de Antropoceno possui relevância, ao demarcar uma época de crise da Modernidade ocidental capitalista, cujas dimensões ambientais, climáticas, econômicas, sociais, políticas e epistemológicas envolvem não apenas o que entendemos por humanidade, mas também o Terrestre, incluindo diferentes tipos de existências que devem ser entendidas como atores políticos, com impacto e participação direta na vida pública (Latour, 2020). Em Atafona, vemos nitidamente como o mar se configura como um agente com o qual a comunidade negocia constantemente.

Trabalhamos com uma perspectiva teórica que amplia a noção de governamentalidade também a territórios, ecossistemas e imaginários. Neste caso, a abordagem da questão ambiental não é feita exclusivamente no campo teórico do desenvolvimento desses conceitos. Ela será permeada pela apresentação de práticas de uma pesquisa-criação. Este é mais um exemplo da necropolítica sobre os ecossistemas, produzida pelo extrativismo, que perpassa a longa memória do continente e de suas lutas, definindo um modo de apropriação da natureza, um padrão de acumulação colonial, associado ao nascimento do capitalismo moderno. Trabalhar com arquivos nesses territórios traz inevitáveis desafios e desconfortos, pois buscamos pautar histórias que não apresentam sucessos, glórias ou bem-estar. Histórias que trazem dados inconvenientes e evidenciam diferentes níveis de desinformação e negacionismo que permeiam a vida cotidiana. Um caso que se faz notório por sua gravidade, por seu desvio, por seu incontestável ar melancólico e aviso dramático — uma história abafada pelo desconforto que ela causa.

Na proposta metodológica da CasaDuna, a experiência estética não é entendida como um cuidado curativo, mas como a produção, ou melhor, o agenciamento de uma situação dotada de poder pedagógico, capaz de transformar os significados que orientam as vidas. O trabalho desenvolvido visa também uma atuação no mundo – em um contexto específico – organizando saberes e oralidades que não se restringem à vivência acadêmica. A noção de "oralidade" foi forjada por Leda Maria Martins (2003) para se referir ao amplo campo existencial que envolve o universo da oralidade, mas que o amplia para além da linguagem verbal, atribuindo-lhe o mesmo "valor epistêmico" que o saber escrito. Nessa perspectiva, a filosofia atua como uma direção de produção, ampliando o alcance dos conteúdos e das direções da pesquisa, propondo metodologias de ação acadêmica que operem também além dos limites tradicionais da universidade.

Defendemos a possibilidade de uma abordagem filosófica aplicada a cruzamentos de saberes anacrônicos, interdisciplinares, intra-disciplinares e transdisciplinares, que, às vezes convergentes, às vezes dissonantes, ajudam a instrumentalizar o saber acadêmico à luz das demandas e proposições que emergem das ações e escutas no território.

Pesquisa-ação, pesquisa-intervenção e pesquisa-criação são algumas das terminologias que se referem a propostas de intervenção sobre as metodologias tradicionais de pesquisa. Essas abordagens ganham especial relevância ao lidarmos com as ciências humanas e questões relacionadas à materialidade histórica da vida de pessoas de terras e de rios. Essas metodologias compartilham dois eixos principais: o primeiro é a inserção do pesquisador como co-agente nas práticas investigativas. Esse envolvimento se desenvolve de forma mais ou menos exitosa conforme as condições ambientais que possibilitam ou inviabilizam a pesquisa. O segundo eixo refere-se à flexibilidade metodológica, que acolhe a escuta territorial e permite ajustes nos próprios procedimentos ao longo do processo. Assim, pesquisador e pesquisa devem se transformar durante o curso do trabalho. Essas características configuram um trabalho contextual, tendo como uma das principais referências a ideia de "arte contextual", desenvolvida pelo crítico Paul Ardenne (2002).

Antes da elaboração de Paul Ardenne, os movimentos artísticos no Brasil já inseriam o contexto da vivência e da convivialidade nos procedimentos de trabalho. Antes disso, movimentos sociais e espirituais traziam a dimensão de uma ética do cuidado — consigo, com o outro e, de forma ampliada, com a natureza, em diferentes relações e dimensões —, fundamentada em tradições anteriores às invasões coloniais.

Ainda hoje, esse procedimento contextual, que envolve uma escuta ativa e a assunção de uma relação de interdependência — seja para a produção artística ou para a sobrevivência —, é antes uma filosofia defendida pelas lutas feministas e pelas resistências anticoloniais do que uma simples "tendência" no campo da arte. Longe disso. Embora haja importantes avanços, a estrutura de mercado permanece profundamente capitalista e comprometida com as bases coloniais que impulsionam a destruição do planeta. Nesse contexto, a entrada desses movimentos políticos como pautas relativamente disseminadas no campo da arte e da cultura pode ser entendida, em grande medida, como um dos resultados dessas lutas históricas.

Fato é que, ao pensar essa metodologia no âmbito das práticas artísticas e de arquivo, as influências se fundamentam muito mais na escuta e no cuidado "etnoambiental" do que nos campos e metodologias tradicionais do cânone filosófico,

artístico ou etnográfico. Como aponta Swanda, trata-se de um tipo de intelectual em "modo anfíbio", colocado em prática em diferentes contextos de pesquisa e compromisso social.

Ao nos debruçarmos sobre Atafona em sua complexidade histórica e socioambiental, percebemos, por um lado, a relevância dos trabalhos com arquivos na comunidade e, por outro, a necessidade de contar com universidades parceiras para ampliar o diálogo e a divulgação da pesquisa em andamento. O principal desafio foi definir como se operaria uma produção voltada para a "erosão", em um território marcado pela instabilidade.

2. Cuidado como trabalho de arquivo

Entendemos que a “crise ecológica” tem como condição de existência a constituição colonial do mundo, fundamentada em práticas exploratórias e destrutivas. Tais práticas derivam de uma fissura ontológica estabelecida entre os humanos e outras espécies, com a Terra e com aqueles que não são considerados humanos. Esses “outros” têm seu modo de habitar desconsiderado, em processos de diferenciação excludentes que negam seu “fazer-mundo” (FERDINAND, 2023).

A noção de cuidado de si ocupa um papel central nos estudos sobre ética na Grécia Antiga, desenvolvidos por Michel Foucault. O tipo de trabalho sobre si, recuperado pelo autor a partir das escolas filosóficas do estoicismo, do epicurismo e do cinismo — as chamadas “filosofias menores” da Grécia —, aparece em sua obra como um ponto de partida para a busca de uma problematização que o ser humano deve ser capaz de realizar em relação a si mesmo e ao mundo em que vive.

Para compreendermos o sentido do cuidado que nos interessa, é necessário considerar uma gama mais ampla de práticas associadas a essa noção, conforme mapeadas por Foucault em seus últimos anos. Trata-se de uma concepção vasta e diversa chamada de cuidado de si, que o filósofo resgata desde Sócrates, a partir do célebre preceito “conhece-te a ti mesmo”, entendido como um movimento atrelado e preambular, e que atravessa momentos cruciais da história do Ocidente.

Foucault realiza um retorno da época moderna, passando pelo cristianismo, até a Antiguidade, a partir de uma questão ao mesmo tempo simples e ampla: o deslocamento do foco do cuidado de si para o comportamento sexual e as atividades relacionadas aos

prazeres torna-se o principal objeto de preocupação moral. Nesse contexto, ele observa uma distinção entre interdição e problematização moral.

A problematização moral, segundo Foucault, refere-se a um conjunto de práticas denominadas “artes da existência”, que consistiam em exercícios refletidos e voluntários pelos quais os indivíduos estabeleciam regras de conduta e buscavam transformar-se. Esse processo incluía “modificar-se em seu ser singular e fazer da sua vida uma obra portadora de certos valores estéticos e que responda a determinados critérios de estilo... esforços feitos para mudar a maneira de ver, para modificar o horizonte daquilo que se conhece” (2010 p.271).

O cuidado de si, entendido como a problematização da própria existência, exige que os indivíduos prestem atenção à sua própria vida, pois negligenciar a conduta pessoal configura uma falta de consideração com os problemas e abusos que cada um pode causar aos outros, tornando-se, assim, uma questão política. Nesse processo, a presença de um outro qualificado é fundamental. Trata-se de um exercício ético, pois implica relações complexas com os outros, na medida em que o cuidado de si também se revela como uma forma de cuidar dos outros.

O *ethos*, entendido como uma filosofia prática que envolve igualmente uma relação com os outros, uma vez que o cuidado de si capacita o indivíduo a ocupar, na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais, o lugar que lhe convém — seja exercendo uma magistratura ou estabelecendo relações de amizade. Além disso, o cuidado de si pressupõe a relação com o outro, já que, para cuidar bem de si, é necessário ouvir as lições de um mestre (maître). É preciso um guia, um conselheiro, um amigo, alguém capaz de dizer a verdade. Assim, a questão da relação com os outros permeia todo o processo do cuidado de si.

Nesse sentido, o cuidado é uma arte, uma técnica, da qual não faz parte a ideia moral da cura. Essa concepção de arte como remédio que cura integra a doença da normalidade do Ocidente. Não precisamos de uma cura, pois o que é urgente na arte é a reversão da divisão entre doença e saúde. Não se faz arte para se curar, faz-se arte para transformar a doença em uma contestação necessária contra o que se acredita ser saúde. A arte abala essa crença em uma saúde social que anestesia e normaliza tudo.

Sócrates é um personagem que passa boa parte de sua vida errante falando sobre "cura", mas de outra atividade, e não devemos nos enganar. "Cura" e "cuidado" não podem ser tratados meramente no sentido que a medicina contemporânea ou a psiquiatria nos fazem crer. Não devemos questionar de maneira simplista se, ao mundo grego,

poderíamos aplicar o erro de procurar um conceito equivalente ao que entendemos hoje por doença mental. Tal “a posteriori anacrônico” nos impediria de compreender a amplitude e a multiformidade da referida atividade.

“*Epimeleia*”. Cuidar de alguém, cuidar de um rebanho, cuidar da família ou, como encontramos com frequência à propósito dos médicos, cuidar de um doente, é o que se chama “*epimelesthai*”. A cura que Sócrates aqui fala faz parte de todas essas atividades pelas quais se cuida de alguém, trata-se desse alguém quando está doente, zela-se pelo seu regime para que não fique doente, prescrevem-se alimentos que ele deve ou não ingerir ou exercícios que devem fazer, pelas quais também se indica a ele quais são as ações que deve realizar e quais deve evitar, pelas quais se o ajuda a descobrir quais são as opiniões verdadeiras que ele deve seguir e as opiniões falsas [que ele deve evitar], é assim que se nutre esse alguém com discursos verdadeiros. Tudo isso decorre (...) dessa grande atividade multiforme da *epimeleia* (do cuidado de si mesmo e dos outros, do cuidado das almas) pode adquirir em alguns casos, a forma mais urgente, mais intensa e mais necessária. São os casos em que precisamente uma opinião falsa pode vir a adoecer uma alma (FOUCAULT, 2009a p. 101).

Entendemos, assim, o “cuidado de si” como uma atividade que conecta todos esses diferentes domínios. Além disso, o cuidado de si, ou as diferentes formas de estética aplicadas à própria vida, representa a antítese do individualismo neoliberal, obcecado pela segurança, pela defesa da propriedade e pela vida confortável dos membros da família, formando os pilares da manutenção da vida, da família, da propriedade, etc.

[...] o cuidado de si designa uma modalidade de problematização moral [...] Na Antiguidade, o cuidado de si representava a sabedoria de saber viver e de dar estilo a si mesmo e à sua vida, através de um processo que é perceptível no mundo social. O cuidado de si consiste num saber, numa prática, num modo de ser. Trata-se, enfim, de uma arte de viver (*Idem*, 2001 p.296).

Marquemos duas sentenças de Foucault, datadas da década de 1980: “Vale lembrarmos de uma ideia em nossa sociedade que diz que a principal obra de arte à qual devemos nos dedicar é nossa própria vida, a maior zona onde devemos aplicar valores estéticos é o si mesmo, sua própria vida, sua existência.” (2001a p.1443) e “A filosofia é, ainda hoje, o que era anteriormente, isto é, uma ‘ascese’, um exercício de si para si no pensamento” (2010 p.16). Um indivíduo livre, vinculado a um conjunto de regras e valores por ele eleito, dando à própria vida uma forma que seja bela. Vemos, assim, um projeto que se distancia dos valores comportamentais e morais vigentes nas sociedades. Tal comportamento moral se constitui necessariamente em uma via dupla: por um lado, como resultado de um jogo de poder; por outro, como uma decisão pela maioria, pela

autonomia e pela escolha de lutas que cada um determina para si, nesta relação de cuidado e transgressão.

Nesse sentido, o tipo de relação consigo mesmo proposta por Foucault condensa, na experiência ética, um nível urgente e intenso de capacidade criadora, em uma posição de atenção, cuidado e de luta constante contra os investimentos das tecnologias contemporâneas e os abusos de poder que nos formam e que praticamos. Ele recorre aos documentos antigos, nos quais temos registros de prescrições referentes a essas regras de conduta. Textos que são objeto de práticas, na medida em que foram feitos para serem postos à prova, lidos, utilizados, meditados e avaliados em função da construção de uma “armadura da conduta cotidiana”. Eram, portanto, instrumentos para a vida, por meio dos quais os homens se interrogavam sobre sua própria conduta, agindo sobre ela, formando-a e transformando-a nessa criação que, na Antiguidade, era chamada de ‘etopoiética’, entendida como escrita de si. O trabalho que se apresenta deve ser compreendido como a elaboração e a estilização de uma atividade no exercício do poder sobre si, e na prática de uma liberdade que cause uma ressignificação política pela alteridade que ela cria.

Quando Foucault fala de cuidado de si, ele recoloca e reposiciona o problema da relação sujeito-verdade na história da filosofia ocidental. Vemos a questão do sujeito em primeiro plano, porém, não como um sujeito compreendido como objeto do conhecimento, nem como portador de uma subjetividade instituída que deve ser descoberta, afirmada ou preservada. Não se trata de um sujeito como natureza pura que, a partir de si, daria sentido ao mundo e a si mesmo.

Um *ethos* de crítica pública inserida em uma problematização política das técnicas de si, através de lutas que, ao mesmo tempo em que se referem às dominações, explorações ou imposturas econômicas, manifestam-se como novas ações sobre a própria subjetivação — autopoiese. Trata-se, justamente, de refletir sobre a medida necessária da dependência e da independência que cada indivíduo é capaz de aplicar às dinâmicas das relações entre sujeito e verdade, criando para si novos limites, por meio de técnicas autodeterminadas que produzem alterações nos corpos, prazeres e significados políticos.

Foucault apresenta a ideia de aleturgia, referindo-se a uma ação, uma prática filosófica, um ato de produção de verdade na qual esta se manifesta. Ele apresenta exemplos de diversos atos desse dizer verdadeiro, em modos de relação que se estabelecem entre sujeito e verdade, que não se referem a uma cátedra epistemológica. A verdade acontece na vida, exprime-se conforme seus focos de fala, os desequilíbrios que causa e nas relações de poder que se tecem. Na sociedade da Grécia Antiga, nesta leitura,

o filósofo cínico se apresentava alinhado a uma escola composta de pessoas que procuravam dar à sua vida variações nos graus de intensidade e independência, que viviam pelas ruas e funcionavam como um espelho quebrado diante da sociedade, mostrando-lhe a sua face ocultada.

Acrescentemos, ainda, algumas considerações no contexto da discussão sobre o cuidado de si. Foram os humanistas dos séculos XV e XVI que trouxeram à circulação textos clássicos anteriormente inacessíveis, que funcionaram inclusive como combustível para a Reforma e como uma contraofensiva cristã. Isso gerou uma espécie de cristianização experimental do cinismo por parte dos humanistas. Este movimento foi intensamente repreendido e tratado como a origem das heresias contemporâneas.

É importante salientar: Foucault não retoma o sujeito como uma entidade transcendental instituída. “O” sujeito é efeito de lutas, uma massa amorfa e ativa em relação ao seu mundo. Nesse período de Foucault, o que está em jogo nas pesquisas ético-políticas, ou nas relações sujeito-verdade, são as criações e as emergências de resistências no contexto das relações de poder. Ele retoma a ideia de cuidado de si pensando justamente em possibilidades de alteração, diferenciação, fabricação e trabalho sobre si pelo viés combativo que tal vasto leque de práticas pode apresentar.

A filosofia grega, no aspecto que interessa a Michel Foucault, conforme ele deixa claro em *Hermenêutica do Sujeito*, de 1981, tem como eixo central a ideia de uma produção de verdade no ato pelo qual ela se manifesta. Tal ato consiste em uma transformação do sujeito, que ele se impõe por meio de determinadas condições sobre as quais cabe a ele decidir. Aí entra o primeiro trabalho do filósofo: tais condições e técnicas devem ser eleitas em vista da vida que se almeja, colocando-se a questão dos critérios e significados políticos de tal decisão. Esta é a ideia que Foucault defende no início dos anos 1980, com a noção de cuidado de si. Apresenta-se, assim, uma outra concepção de verdade e de filosofia, que não a canonizada a partir do Racionalismo, quando foi levantada a supremacia da subjetividade do sujeito de razão, desconectado da natureza, fundando a bifurcação fundamental do problema de nosso tempo.

Vemos o princípio socrático *gnôthi seauton*, que traduzimos por “conhece-te a ti mesmo”, como uma espécie de pressuposição necessária ao cuidado de si. Contudo, o autor argumenta que as técnicas de si, inclusive o oráculo “conhece-te a ti mesmo”, não se referem a um processo de conhecimento tal como o cristianismo e o cartesianismo formularam ao longo da história. O conhecimento de si formulado pelos antigos é estritamente subordinado a um objetivo que os excede. Era um procedimento que

propunha uma interferência sobre si, que possuía uma implicação de relação com uma determinada rede política e – no caso do cínico – cósmica, e não um conhecimento restrito ao pensamento do sujeito. Foucault marca sempre a importância de haver um “outro” como interpelador desse processo, que é – mais do que qualquer outra coisa – político. O estatuto desse outro se apresenta de diferentes modos ao longo das pesquisas de Foucault, bem como no pensamento grego em sentido amplo. Temos narrativas do outro como amigo, mestre, sábio, amante, praça pública, peça no jogo parresiástico, enfim, como uma figura disposta a ouvir.

Como vimos, se quisermos compreender o “cuidado de si” ainda como cuidado, devemos tratá-lo como um conceito idiossincrático, que eventualmente pode consistir em desfigurar, contestar, inovar ou erodir. Na realidade, nem as palavras em grego nem em francês possuem um sentido equivalente ao que foi traduzido em português como “cuidado”. A ideia de *tecné*, como sabemos, está mais relacionada a uma arte, uma técnica de artesão, de artífice, do que à ideia de preservação de saúde que o sentido de cuidado pode induzir. Da mesma forma, no caso do *souci*, em francês, que indica uma preocupação, uma ocupação, uma inquietação, muito mais do que a manutenção de algo tal como está. Devemos compreender o sentido de cuidado tendo essas noções em mente. É necessário que o sujeito cuide de si mesmo, relacionando-se com si mesmo em função do tipo de alteração que deseja para sua vida, a partir do que ele se propõe e do tipo de mundo que pretende atacar, conforme seu grau de disposição para tal transformação.

3. Considerações finais: Arquivo entre oralidade e imaginação

Acreditamos nas propostas artísticas que trabalham com o arquivo como um meio de suscitar questões, elaborar proposições e intensificar sentimentos e sensações. A função dessa proposta é a produção de práticas de arquivo que se constroem a partir de relações de cuidado, ampliando e intensificando as percepções. A partir disso, novas elaborações sobre a questão ambiental e seus mecanismos de adaptação podem surgir. No entanto, uma dúvida persiste: como se opera essa intensificação? O que exatamente um trabalho com arquivo coloca em perspectiva que o capacita a induzir tal intensificação das sensações e operar como cuidado, em uma *ethopoietica*?

A partir dos anos 1980, o tema do patrimônio invadiu a agenda de diversos movimentos sociais. Com ele, os diversos procedimentos de trabalho com arquivo e memória. Naquela década, ao menos no contexto brasileiro, as discussões sobre o

patrimônio restringiam-se à esfera do Estado e dos intelectuais que dirigiam as agências de preservação histórica. Desde então, o tema difunde-se pela sociedade civil, sendo reinterpretado e utilizado por grupos e associações civis como um instrumento de luta política.

A noção traz em si uma certa ambiguidade: por um lado, é a forma pela qual um grupo se afirma publicamente, por outro, é o modo pelo qual o Estado exerce seu controle sobre a sociedade. Como sabemos, segundo Michel Foucault, “a identidade é uma das primeiras produções do poder, desse tipo de poder que conhecemos em nossa sociedade” (FOUCAULT, 2006 p. 84).

Nos últimos anos, vemos o trabalho com arquivo ganhando desdobramentos importantes. Diferente do que frequentemente imaginamos, o trabalho com arquivo, memória e patrimônio nunca se limita à perspectiva de manutenção, isolamento e preservação. Se analisarmos mais profundamente, veremos que essa visão é essencialmente conservadora e, de certo modo, ficcional, quando comparada aos processos concretos empregados pelas comunidades nas suas práticas de ativação cultural de objetos e lugares de memória. Ao contrário, no próprio ato de preservação, algo necessariamente é destruído ou esquecido. Um certo grau de traição no arquivo se torna indispensável, desde sua fundação, pela seleção inicial, e continua sendo necessário para mantê-lo vivo e ativo. Vemos uma concepção de patrimônio que não está orientada a partir da noção (e do pânico) da perda, e sim da noção de prática e de função, que contêm a possibilidade de transformação e mesmo de destruição da materialidade do mesmo. (GONÇALVES, 2025, p. 213). É nesse sentido que concebemos o trabalho com arquivo a partir da noção de cuidado.

Na praia de Atafona, um dos imóveis mais emblemáticos a ser levado pelo mar foi o “Prédio do Julinho”, amplamente registrado por veranistas, moradores, pesquisadores, artistas e passantes, encantados pela visualidade escultórica que se formou ao longo de cerca de dez anos, durante o processo erosivo que culminou com sua queda em 2008. Foi o único prédio erguido, mas a construção não foi concluída, pois a erosão o atingiu antes.

Na casa imediatamente à frente do prédio, vivia Sônia Ferreira, uma senhora aposentada que frequentou a praia durante toda a sua vida e se estabeleceu lá há mais de vinte anos. A construção do prédio começou quando o mar ainda estava algumas quadras à frente. Sônia fotografava cotidianamente o processo erosivo e conseguiu registrar até o exato momento da queda: poeira se misturando com areia e neblina. Ela nos emprestou

esse material. Em 2019, realizamos um curta-metragem¹ com esse arquivo, inicialmente com o ímpeto de registrar e transpor o suporte físico — seu álbum de fotos — e o suporte pessoal, representado pela própria dona Sônia, para a relação com a perda compartilhada por todos ali. Esse processo também trouxe à tona a experiência comunitária da falência da própria linguagem diante da catástrofe.

Anos depois, encontramos Marilda Soares, ex-comerciante aposentada, responsável por uma das únicas bancas de jornal da cidade. Durante décadas, ela organizou as matérias que abordavam a situação ambiental da praia de Atafona. Marilda também nos emprestou seu material de pesquisa, e pudemos constatar o quanto o tema foi debatido ao longo dos anos. Isso prova que havia pesquisas divulgando a questão, mas nenhuma medida efetiva foi tomada para reivindicar novas dinâmicas de gestão hídrica, alternativas às das “zonas de sacrifício”, resultantes do biopoder que gerencia as condições de vida e morte de determinados grupos sociais.

Trata-se de um arquivo completamente diverso, com outra natureza e função. Realizamos entrevistas com Marilda sobre o material, nas quais identificamos a percepção ambiental local, a vida na pesca, as relações de trabalho na praia, a função da circulação de informação e a importância da memória e de seus suportes. O material audiovisual encontra-se atualmente em fase de edição.

No ano de 2020-2021, em meio à pandemia de COVID-19, nos debruçamos sobre o trabalho de arquivo desenvolvido pela residência artística CasaDuna desde 2017, com as pesquisas do grupo teatral Grupo Erosão, vinculado à residência, criando um trabalho cênico e pedagógico de museologia social. Produzimos uma prática de campo que cruza pedagogia, teatro de rua e pesquisa metodológica em museologia social. O Museu Ambulante é um projeto que ganhou desdobramentos, gerando novas camadas e alcances para o trabalho com arquivo, que entendemos, poeticamente, como práticas filosóficas, trabalhos com cuidado e proposições artísticas em contexto erosivo. Um museu que ocupa ruas, praças, parques e outros espaços públicos, nos quais realiza uma performance expositiva que abre a cena para a escuta e a imaginação, e que pudemos identificar também como um trabalho com cuidado².

Esses conteúdos nos remetem à noção de oralidade, pois extrapolam a linguagem com seus juízos e proposições. Eles começam com gestos e se constituem em movimentos

¹ MAR CONCRETO. Julia Naidin, Prod. CasaDuna e Kino Rebelde, São João da Barra, Brasil, 2020. 15 min.

² Mais informações sobre esses trabalhos e outros textos publicados em www.casaduna.org.

de cuidado com a vida e de resistência à destruição sistematicamente implementada. As práticas de arquivo resultam das atividades de escuta e da reflexão sobre os suportes e agenciamentos possíveis. Elas não são entendidas em sua dimensão meramente relacionada aos atos, nem às representações ou juízos; elas se referem, antes, à multiplicação de sentimentos e percepções que conectam vidas individuais e coletivas em práticas de memória e cuidado que convivem com a erosão.

REFERÊNCIAS

ARDENNE, Paul. *Um Art Contextuel*. Paris: Ed. Flammarion, 2002.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. O antropoceno. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra! [conteúdo exclusivo online], 06 nov. 2015. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/o-antropoceno/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

DEBAISE, Didier. *Nature as an event, The Lure of the Possible*, Duke University Press, 2017.

FREDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial - pensar a partir do mundo caribenho*. trad. Letícia Mei. São Paulo: Umbu editora, 2023.

FOUCAULT, M. *L'étiqúe su souci de soi comme pratique de la liberté*. In: *Dits et écrits II*. 1976-1988. Paris: Quarto, 2001a.

_____. *À propôs de la gènealogie de l'étiqúe: un aperçu du travail en cours*. In: *Dits et écrits II*. 1976-1988. Paris: Quarto, 2001b.

_____. *Le Courage de la a Vérité: Le gouvernement de soi e des autres II*. Paris: Gallimard; Seuil, 2009.

_____. *The Hermeneutics of the Subject*. New York: Picador, 2005.

_____. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. São Paulo: Graal, 2010.

_____. *Eu sou um pirotécnico*. In M. Foucault, *Entrevistas* (pp.69-75). São Paulo: Graal. 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos - Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015.

<https://www.scielo.br/j/eh/a/FqbLtvWWzbnkQGZQsb5jkrjr/?lang=pt&format=pdf>

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom – Vulnerabilidade* [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 26 dez. 2024.

LATOUR, B. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARTINS, L. (2003). Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, (26), 63–81. <https://doi.org/10.5902/2176148511881>.

STENGERS, I. *No tempo das catástrofes*. São Paulo, Editora Cosac Naify, 2015.

SYAMPA, M. Entrevista a Maristella Svampa. Pablo Stefanoni, *Nueva Sociedad* 298 / Marzo - Abril 2022.